

## EDITORIAL

O segundo Boletim Conect-a registra alguns efeitos das atividades recém realizadas no CLIN-a: A Conversação entre Associados sobre o Ensino e a Jornada de Ensino e Pesquisa. Há uma unanimidade nos textos sobre o encontro dos corpos. Tais atividades aconteceram, talvez inconscientemente, no mesmo dia em que, três anos antes, fora decretada a Pandemia da COVID-19.

Nos textos vocês encontrarão algumas dessas poesias: o ressoar à “precursão da conversação”; a ressonância de uma voz que pode ter o poder até mesmo de “quebrar uma taça de cristal emitindo uma nota de volume alto”. Ou um “tom de irrealidade, exceto pela vantagem de que, ao acordarmos no dia seguinte, soubemos que não se tratava de um sonho”. Ainda, o efeito de satisfação em apresentar um trabalho. E quanto aos impasses? São inúmeros: as ramificações geográficas do Instituto; a dobradiça; o dentro e fora; o impossível de ensinar; o fato do inconsciente não suportar amizades; o racismo do discurso; a angústia de uma menina de nove anos e a ameaça a democracia.

Uma aposta!, diz Teresinha N. Meirelles do Prado ao retoma o histórico da formação da atual Comissão de Ensino e seu eixo principal de trabalho: investigação e pesquisa: uma “orientação definida”. Podemos, de alguma forma, nos servir no Instituto, da tensão entre o “Uno” e o “múltiplo” que se coloca no âmbito da Escola? Ou seja, utilizar-se desses dois termos associados com as “bases” e “direção” funcionam no Instituto, assim como na Escola?

Um corte!. Assim Emelice Prado Bagnola descreve a quarta reformulação do ensino. Corte este que, segundo ela, não visa uma retificação, mas uma maneira “peculiar do CLIN-a manter o Real em jogo na experiência”. Seria essa nova proposta uma forma de “permitir a cada um ir um pouco mais longe do Nome-do-pai”?

Nem grupo, nem amigos, mas o desejo de transmitir a psicanálise! Eduardo Vallejos retoma a pergunta de Heloísa Caldas feita na Conferência das Jornadas: “Quem é o inimigo da psicanálise?”. Ele se perguntar como esse discurso pode saber fazer nas seguintes vertentes: “trabalho de transferência” e a “transferência de trabalho”, sem cair no gradus do ensino do mestre e/ou mutualismo do trabalho burocrático numa instituição.



Imagem: instagram @arthunter.me

Os Suturas! É como Fabiano Filardo recolhe os efeitos e ressonâncias de ter apresentado um trabalho nas Jornadas: Aquilo que faz “evitar que o ensinamento se perca na noite dos tempos”. Desta vez, não como questionamento, mas como testemunho de como uma instituição de psicanálise pode ensinar e “interferir no coletivo do um-a-um?”.

Um caso! O Núcleo Ciranda-SP demonstra como o Nome-do-Pai pode ser um “operador da função civilizadora” depois do patriarcado. O simbólico ainda está ali, mas somente como signifi-  
ficante “recortado do discurso”, ele pôde dar pistas de “gozo desregulado” em uma menina de nove anos.

Lampejos! Andressa Luz nos conta a experiência do olhar face à história da ditadura do Chile. Um olhar “êxtimo” no país vizinho faz com que ela se dê conta que esse mesmo olhar já estava “marcado pelas duras heranças do AI5 no Brasil”. A história da humanidade se repete, independente da geografia.

Biblioteca! Já está na prateleira da biblioteca do CLIN-a o livro recém-lançado de Elisa Alva-  
renga, Entre o Gozo e o Desejo: uma leitura do Seminário A angústia.

Boa leitura!

**Mirmila Musse**

## RESSONÂNCIAS DA CONVERSAÇÃO E DA JORNADA DE ENSINO E PESQUISA DO CLIN-a

### Ressonâncias da conversação sobre o ensino do CLIN-a em 2023

Quem esteve na conversação sobre o ensino do CLIN-a este ano, pôde constatar o entusiasmo e o interesse vivo de seus participantes. Antes de me deter na conversação em si, não posso deixar de enfatizar o trabalho cuidadoso e a dedicação da comissão organizadora da Jornada de Ensino e Pesquisa do CLIN-a em 2023 (coordenada por Camila Popadiuk e Jovita Carneiro de Lima e marcada pelo trabalho decidido de sua equipe, que fez a coisa acontecer), muito bem articulado com o conselho diretor (Gustavo Menezes, Mirmila Musse e Paula Caio), que trouxe de volta o CLIN-a que conhecíamos. A circulação das pessoas, as conversas das mesas, a interlocução entre as gerações, a ausência de deferências hierárquicas, a escolha estratégica de uma convidada que tem bem a cara do CLIN-a (nossa colega Heloísa Caldas, AME da Escola e membro do Conselho da EBP, dentre muitos outros qualificativos...), a instigante conversação entre os associados, cada detalhe contribuiu para tornar aquele fim de semana um marco. Foi significativo que essa jornada tenha acontecido bem no dia em que se completaram 3 anos do início do divisor de águas que mudou nossas vidas, colorindo o cenário desse bom encontro com um tom de irrealidade, exceto pela vantagem de que, ao acordarmos no dia seguinte, soubemos que não se tratava de um sonho.



Imagem: instagram @caufferreir

A própria conversação, tardia, por conta dos empecilhos que o pós-pandemia nos legou, evidenciou, da parte de nossos associados, um desejo vivo de participar desse momento de nossa história. Evidentemente (a começar pelo que acabo de mencionar), não estamos na faixa vibratória do ideal (e, a meu ver, felizmente!), o que nos abre a possibilidade de tomar essa empreitada como algo possível (ainda que saibamos do paradoxo que nos move: como transmitir algo do impossível de transmitir?). E penso que o CLIN-a tem encontrado um caminho: a aposta na transferência de trabalho.

A instauração, pelo conselho técnico, de uma comissão de ensino ad-hoc, foi uma novidade no ensino do CLIN-a que pôs a trabalho, inicialmente, a comissão, mas em seguida (e a intenção é que isto se amplifique cada vez mais, segundo o princípio da elaboração provocada, proposto por J.-A. Miller, cuja estrutura mínima é o par  $S1 \rightarrow S2$ , significantes-mestres a trabalho, produzindo um saber<sup>1</sup>) associados que já fazem parte do corpo de docentes. Penso que a conversa deixou claro o princípio que moveu esse trabalho inicial: apostar no contágio de uma postura investigativa em todos os níveis das nossas atividades; não nos interessa reproduzir passivamente conteúdos lidos, mas nos apropriarmos deles, nos colocando questões a respeito do que vemos, confrontando-nos com o que descobrimos a cada leitura e discussão. Nesse sentido o programa das disciplinas foi concebido com a mobilidade que permitirá aos docentes realizar sua tarefa acrescentando contribuições, não só bibliográficas, mas no âmbito dos conceitos abordados. Nessa mesma linha está a proposta de que aqueles que ministrarão uma disciplina no semestre seguinte possam participar de sua construção, de modo que um ano nunca repita o outro ao abordar o recorte que se fará ao apresentar as questões a serem discutidas.

Outra questão surgida na conversa e que se evidenciou a partir de dois trocadilhos propostos pelo texto de Mirmila Musse, 'diz-função' e 'diz-articulação', que descrevem o ponto em que se encontrava o ensino do CLIN-a antes da proposta de reformulação elaborada pela comissão de ensino, constitui ainda um desafio no seguimento dessa renovação que está apenas começando. Refiro-me à tensão entre o que foi nomeado na conversa como "orientação" X "dispersão", debate análogo à discussão, no âmbito da Escola, em torno da tensão entre o "Uno" e o "múltiplo". Essa distinção entre o Uno e o múltiplo, na Escola, diz respeito à relação entre 'as bases e a direção'<sup>2</sup>; à liberdade que se permite ao funcionamento particular de cada Seção, mas sem desviar-se ou sem afrontar os princípios que unificam o campo freudiano. Foi o que J.-A. Miller mencionou na carta endereçada à Escola em 05 de março de 1995, pouco antes de sua fundação. Ali ele menciona a particularidade do Brasil, que justificou a criação das Seções antes da própria EBP, apostando na possibilidade de que o múltiplo venha a reforçar o Uno<sup>3</sup>. Qual a relação disto com o contexto aqui em questão?

---

1 Cf. Miller, J.-A. "Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada" [1994], In: *O Cartel: conceito, e funcionamento na Escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Campus, p.1-10.

2 Miller, J.-A. "Sobre o mutualismo". In *Como terminam as análises*. RJ: Zahar, 2023, p.262.

3 Carta de J-A Miller à Escola Brasileira de Psicanálise, 05/03/1995. Disponível online. URL: <https://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2020/02/22Carta-de-Jacques-Alain-Miller-a%CC%80-Escola-Brasileira-de-Psicana%CC%81lise-22-Jacques-Alain-Miller.pdf>

A partir de uma contingência que foi o impedimento dos cursos presenciais durante a pandemia, o CLIN-a foi forçado a reinventar o modus operandi de seu ensino. O que foi inicialmente um impedimento e uma limitação, permitiu, por outro lado, a elaboração desse formato que agrega simultaneamente uma orientação única (cada curso é um só, independente da localização geográfica dos alunos ou dos docentes; inclusive podendo receber alunos de outros estados e até países) e um formato de peças soltas proposto pela comissão de ensino, visando os fundamentos do que propõe o ensino do CLIN-a: não se trata de um 'curso unificado de formação de analistas', pois sabemos que a formação de um analista não é produto do discurso do mestre, tampouco se trata de algo que se condensaria em um 'diploma' ao final do prazo de dois ou três anos; cabe a cada um se apropriar de sua formação, que inclui o velho 'tripé' proposto desde Freud (análise, supervisão e estudos).

Ou seja: a partir dessa contingência (que, portanto, não foi uma escolha) o trabalho da comissão de ensino tomou o rumo de reforçar a via régia, uma orientação definida, que é fundamental. Este foi o primeiro passo, e como bem apontaram os textos que serviram como base para nossa conversação, isto nos permitiu um deslocamento da dispersão 'diz-funcional' para uma orientação que precisa, agora, começar a se desdobrar em ramificações que levem em conta outra dispersão, esta geográfica, a multiplicidade que também caracteriza o CLIN-a como instituto do Campo Freudiano. Deste modo, a proposta de ensino poderá se expandir, produzindo ramificações que se localizem, que possam ser também presenciais e se situem nos diversos locais em que o CLIN-a tenha espaço físico. Mas isto não pode se dar de modo desenfreado ou sem reflexão, e é por isto que temos ainda muito trabalho à frente.

Restam, certamente, vários desafios, cujos desdobramentos ainda estão por se construir e que foram mencionados na conversação, como o funcionamento dos núcleos por essa lógica investigativa visando à produção de textos sobre os temas investigados, algo que se encontra ainda em construção. Outro exemplo, é algo que já estava previsto na proposta inicial da comissão de ensino e que diz respeito à construção de um modelo que inclua atividades de ensino mais diretamente ligadas à prática clínica, expandindo o trabalho que hoje é realizado pelo seminário clínico e aproximando cada vez mais o ensino do CLIN-a da lógica das seções clínicas, que também englobam ensino e pesquisa.

**Teresinha N. Meirelles do Prado**

## Impasses na formação<sup>1</sup> do analista hoje

Não há discurso que não produza laço social. Se o discurso analítico não fosse do semblante talvez seria o único que não o faria. Nas análises de cada sujeito, em cada análise conduzida e nas relações políticas dentro das instituições, os laços estão postos em suas diferentes vertentes, como o trabalho de transferência, a transferência de trabalho e as amizades.

Desde Freud, com sua leitura do mito do pai da horda primitiva, sabemos que o laço se estabelece a partir da exclusão de ao menos um que, no caso, é o pai primevo, detentor da possibilidade de gozar de todas as mulheres do clã. A partir do assassinato do pai que encarnava a lei e limitava o acesso ao gozo, o falo passou a ser objeto de disputa entre os irmãos.

Se morto, o pai, pode operar simbolicamente como um regulador do gozo. Ao limitar uma satisfação incestuosa, ele ao mesmo tempo se torna o substrato de um gozo fálico imaginário, instituindo as relações de troca por um lado e as tentativas de destituição e/ou anulação entre os irmãos por outro. Ao herdar do pai o falo como significante, o grupo se identifica de modo horizontal a um gozo que supostamente seria comungado e compartilhado entre todos, inaugurando assim o que Lacan chamou de “racismo dos discursos”<sup>2</sup>, indicando que todo o discurso faz laço, mas também classifica e segrega.

Lacan no Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 nos diz: “[...] mas basta prestar atenção para que se saia disso. Não há amizade que esse inconsciente suporte”<sup>3</sup>. Trata-se de uma referência do final de seu ensino, que já nos indica que se refere ao inconsciente real. É o gozo do Um sozinho que não suporta a amizade, ou seja, o laço fraterno entre irmãos. Este tampouco



Imagem: “O impossível” (1945) de Maria Martins.  
Foto: Jaime Acioli/Divulgação

1 “Não há formação analítica, só há formações do inconsciente”. Intervention à l'EFPP, le 3 novembre 1973”. In: Lettres de l'École Freudienne de Paris, n° 15. (trad. livre).

2 Lacan, J. O aturdido. In: *Outros escritos*. RJ: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 463.

3 Lacan, J. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 567.

suportaria a inimizade e a rivalidade, justamente porque a lei do pai que funda esses modos de laço não regula todo o gozo que atravessa o ser falante.

Na conferência de Heloisa Caldas<sup>4</sup> foi colocada uma questão interessante, se o inconsciente não seria o nosso “inimigo em comum”. Talvez esse inimigo seja o inconsciente em sua vertente transferencial, pois é este que se inaugura a partir de um saber que vem do Outro, pela via da identificação.

Adentramos aqui no problema da suposição de saber no Outro, ainda encarnado em nossa cultura pelos avatares do pai. A suposição de saber, advinda da retroação do significante do Nome-do-Pai sobre o desejo da mãe, atribuindo-lhe algum sentido, se assemelha à estrutura do desencadeamento da psicose, como nos indica J.-A. Miller em seu texto de orientação para o próximo ENAPOL<sup>5</sup>. O desencadeamento da produção de sentido é o que se pode chamar de delírio generalizado do ser falante. Ele é condição para a transferência, para o amor e é fundamento dos laços sociais, mas também é o sustentáculo de dinâmicas identificatórias segregativas que, na pior das hipóteses, podem ser usadas para aspirar ao poder do pai morto.

O analista bem posicionado, desde seu lugar de semblante de objeto, se precipita em seu ato para que a lógica imaginária, sempre grupal, não prevaleça em detrimento do singular de cada caso clínico, que é o que de fato nos move e orienta nossa prática. É por esse motivo que tanto na Escola quanto no Instituto — neste a questão é mais complexa de ser tratada — é necessário prevalecer o bom funcionamento do sistema de permutação, que rege o laço de trabalho. Do contrário, poderemos incorrer na lógica da dominação que não coaduna com o que está em questão na causa analítica.

Ainda que consideremos a relação moebiana e paradoxal entre inconsciente transferencial e o inconsciente real, trata-se apenas de duas vertentes de um mesmo inconsciente, que vai da solidão do gozo do Um sozinho à sua inevitável subordinação aos discursos que se estruturam como uma linguagem. Os impasses produzidos pelas formações de grupo, no que diz respeito aos efeitos identificatórios maciços e segregativos, são inerentes à constituição de qualquer comunidade, e nesse sentido devem encontrar tratamento constante, sob a pena do real do sintoma se anular, que é o que faz a psicanálise persistir.

---

4 Conferência de Heloisa Caldas (AME - EBP/AMP) no CLIN-a, proferida no dia 11/03/23, sob o título: “A prática da psicanálise e os semblantes contemporâneos”.

5 Miller, J.-A. (1994). *Come iniziano le analisi*. Texto apresentado no Colóquio do Campo Freudiano na Itália, *Come iniziano le analisi*, que aconteceu em Turim, nos dias 22, 23 e 24 de abril de 1994. Publicado originalmente em francês, na *Revue de la cause freudienne* nº 29, em fevereiro de 1994. Texto estabelecido por Catherine Bonningue e publicado com a amável autorização de J.-A. Miller. Tradução de Teresinha N. M. Prado.

Porém, não se trata de operar a partir de uma perspectiva em que o real comandaria de forma exclusiva, desenlaçado do simbólico e do imaginário. Para subverter é preciso, antes, se submeter ao discurso do mestre. O momento nos exige, em tempos em que as lógicas grupais imperam, indagar-nos quais são os significantes mestres que iremos nos servir para orientar nossa política, avessa à dominação. É preciso privilegiar os significantes que apontam para o singular e para a responsabilidade de cada sujeito em detrimento dos significantes que apelam para o gozo de uma comunidade e seus instrumentos de poder.

Lacan já nos apontava: cada um está só em sua relação com a causa analítica, e isto significa verificar que o Outro é inconsistente. Ao mesmo tempo, sabemos que a demanda que enlaça o sujeito ao Outro não se reduz a zero, mesmo ao final de uma análise, e é neste sentido que a Escola deve recompor um “Outro de suplência”<sup>6</sup> para a qual se possa endereçar o desejo de manter viva a psicanálise. Tal é a importância da Escola que J.-A. Miller nos adverte: “não há nada que bloqueie mais a [formação] do que o analista analisado [imaginar] ser o Outro”<sup>7</sup>.

Crer na existência de uma formação do analista que encontraria um ponto de basta, pode levar facilmente a ascensão aos gradus e às funções institucionais, elevando-as a instrumentos de poder. Assim, elimina-se em um só movimento, a análise pessoal como lugar princeps de transmissão da psicanálise e a concepção de formação sem fim do analista, uma vez que o final da análise não corresponde ao término da formação.

Portanto, a crença neste primeiro modelo de formação nos leva ao problema do carreirismo nas instituições e da formação como “unidade de valor promovida à medida das recompensas de diploma”<sup>8</sup>, isto é, a demanda de reconhecimento pelo diploma universitário ou por qualquer outro tipo de certificação que confira algum status. Trata-se de uma falácia capitalista, pois não são os títulos que garantem a ética e a prática do analista, mas sim o tripé freudiano: análise pessoal, supervisão dos casos atendidos e estudo da teoria. Poderíamos acrescentar, mais ainda, a Escola de Lacan como o quarto pé da formação analítica.

Não cessaremos de estabelecer amizades com quem trabalhamos, inclusive se trabalha muito bem com amigos, isso vivifica nosso cotidiano, tornando-o mais prazeroso. O amor, este sim, existe! No entanto, em determinadas ocasiões, os laços de amizade podem se dirigir ao mutualismo e ao carreirismo, ao passo que, se tomamos a Escola como perspectiva da formação

---

6 Miller, J.-A. (1997). A lógica da análise. In: *Lacan Elucidado - palestras no Brasil*. RJ: Jorge Zahar Ed. p. 443.

7 Ibid.

8 Lacan, J. (2018/2022). Acerca de uma reforma em seu furo. In: *Opção Lacaniana*, nº 84. p. 29.

sem fim, é o gosto pelo trabalho<sup>9</sup> que se transmite e causa a transferência, a partir do sintoma que toca o corpo de cada um, independente se há ou não pactos de amizade. Sem a Escola, “volta-se para o que chamamos de sociedade [...] noção amorfa e abissal, que autoriza todas as traições do desejo do analista”<sup>10</sup>.

É importante reforçar uma política para a psicanálise em que a transmissão do desejo de saber possa se desarticular, o quanto for possível, do apego à hierarquia corporativa, da “sociedade que se quer agradar [...] seduzir, conquistar, beijar [...]”<sup>11</sup>, baseada na crença de que a relação sexual existe. Tal crença, tributária do delírio nostálgico do retorno do pai ideal, força-nos a antecipar o tempo para manter um futuro possível, pois o mestre “[...] desconhecido de amanhã, já está no comando hoje”<sup>12</sup>.

**Eduardo Vallejos**

---

9 Alvarenga, E. Ensino e transferência de trabalho. In: *Um por Um: boletim eletrônico do conselho deliberativo da EBP*, nº 335.

10 Miller, J.-A. (2009/2018). Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI. In: *Aposta no passe*. RJ: Contra Capa, 2018, p.83

11 Ibid.

12 Lacan, J. (2018/2022). Acerca de uma reforma em seu furo. In: *Opção Lacaniana*, nº 84. p. 29.

## A conversação com valor de corte

A função do corte me ocorreu considerando que o CLIN-a se encaminha para o trabalho em sua terceira volta, terceira geração. Quais os traçados e passos nos trouxeram até aqui? Vou aproveitar o valor do encontro contingente, diferente do valor acumulativo, para escrever o que emergiu no momento da conversação. Desta forma, tentarei localizar um pouco melhor o efeito que a conversação realizada no dia 10 de março deste ano provocou. Agradeço à Paula Caio pela oportunidade e convite.

O corte aqui, me parece diferente da perspectiva de produzir um retorno. Passado o momento agudo da pandemia de Covid-19, a conversação entre associados sobre o ensino no CLIN-a, celebra o retorno ao encontro dos corpos, ou melhor, confirma ser a psicanálise uma experiência onde a palavra e o corpo são imprescindíveis, se há consentimento em ser enganado pelo real.

Assim, o corte, a meu ver, pode introduzir algo novo para o instituto, se considerarmos o contexto à época de sua formação, os aspectos iniciais do seu funcionamento, bem como o que sempre teve um valor para mim que é a relação que o instituto tece com o Campo Freudiano e este, por sua vez, com a cidade.

O CLIN-a nasceu como um instituto de muitas veredas, ou enveredado. A leitura que tenho após alguns anos é a de um instituto que nasceu de porta aberta, a porta aberta da psicanálise, para qualquer um que se interessasse por ela. Como através do instituto o discurso da psicanálise poderia participar em alguma medida, da vida da cidade, sempre me interessou.

Vou me servir da palavra visiva do toro, utilizada por Lacan, no momento pós estrutural de



Imagem: instagram @mindtheminimalism

seu ensino. É como um dentro e um fora que eu pude escutar os caminhos e a percussão da conversação. Vou me deter à conversação. Sim, revisar e renovar o programa de ensino, se eu não estiver enganada, pela quarta ou quinta vez em 20 anos, é a maneira peculiar do CLIN-a manter o Real em jogo na experiência. De tempo em tempo tudo sai do lugar: módulo, aula, ciclo, imersão. Significantes entram e saem, significantes participam e assim o convite ao movimento é apresentado e renovado.

A construção deste momento da conversação, sob a coordenação de Luiz Fernando Carrijo da Cunha, confirma para mim a aposta no coletivo e, a suposição de saber aqui, ganha profundidade. Somos vários, mas supor saber à comissão de ensino é condição preliminar para que a transferência de trabalho no instituto aconteça e se desenrole.

Em um período tão delicado que atravessamos no mundo, também para a psicanálise de Orientação Lacaniana, realizar a revisão do ensino, no atual contexto, acrescido do híbrido, pode permitir a cada um, ir um pouco mais longe do Nome-do-pai? Seria esta, uma forma de se responsabilizar como associado, no CLIN-a? Consentir com o corte, não aquele que aponta para a falta e espera uma retificação, mas sim, aquele que visa o furo e, portanto, um modo de gozo? Desalinhar um pouco, para no momento seguinte, recolher os efeitos de um novo espaço de trabalho na instituição? Uma nova razão ou um novo amor como nos ensina o poeta Arthur Rimbaud?

Como trabalhar no instituto, para além de preparar uma aula, foi uma das questões trazidas para a conversação de 6 de dezembro de 2019. É importante ver o material produzido entre 2019 e hoje. Guardei os significantes “ato ensinante” desenvolvido por Terezinha N. M. Prado e Anaëlle Lebovits-Quenehen da conversação e procurei segui-lo neste intervalo de tempo. Importante ver o tratamento e as consequências que foram dadas para as palavras recolhidas, escritas e o método aplicado ao dispositivo da conversação no instituto, entre-nós, nota-se um corpo, para além do corpo docente.

A reformulação do ensino propõe um desenho inspirado na banda de Moebius, cujo traçado podemos visualizar entre furo e borda, destacados através do seminário clínico e seminários de leitura. Singularidade do caso a caso e pluralidade do sintoma. Para isso foi necessário deixar cair a ideia anterior de ciclo 1, 2 e 3 e reintroduzir a dimensão da prática clínica.

Através deste fora-dentro, organizam-se as disciplinas, ou seja, um espaço objetivo do discurso analítico, não sem os núcleos de pesquisa que mantêm o interdisciplinar operando. Agora o entre, articula as leituras desde os textos primordiais como o livro Interpretação dos sonhos, de Freud, de 1900, às perguntas atuais que visam reconectar os fundamentos à época e a política

do sintoma.

Os núcleos sustentam um tema de investigação da psicanálise em correspondência com uma outra disciplina. Prática que se interessa pelo acontecimento e tecido da cidade, ou seja, arte, medicina, psiquiatria, novos tempos. O núcleo se constitui como um lugar do laço, mas também se nutre das hipóteses levantadas em correspondência, para levar adiante a pesquisa e sobretudo o que a psicanálise pode aprender e o que tem a dizer neste cenário. Daí a pertinência do Boletim Conect-a, da revista Entrevários e da Jornada de ensino e pesquisa, anfitriã primordial da vida no instituto.

Seguirei com entusiasmo e atenciosa para com o trabalho que se estabelece em causa. Como faremos com os impasses, uma vez que não podemos eliminar os trajetos? Serão impulso, criatividade, invenção, perguntas permanentes e constitutivas de nossa prática no instituto, para se pôr a prova e demonstrar, também através da conversação?

***Emelice Prado Bagnola***

## Das ressonâncias e dos efeitos da Jornada de Ensino e Pesquisa CLIN-a 2023

Após ser convidado pela coordenadora do boletim Conect-a para participar desse número, tomei do convite dois termos como pontos de partida para este texto sobre as Jornadas de Ensino e Pesquisa do CLIN-a 2023: ressonâncias e efeitos.

Ressonância é um conceito da física que significa ressoar ou soar novamente, e seu efeito é amplificar uma determinada frequência. O exemplo trivial é a cantora que consegue quebrar uma taça de cristal emitindo uma nota de volume alto que tem a capacidade de fazer ressoar a frequência natural do cristal. Sirvo-me desta imagem para dizer que as questões que estavam em discussão na jornada permanecem em ondas de ressonâncias: como transmitir a psicanálise no horizonte de nossa época? O que se transmite quando se ensina? O que é o ato de escrever? O afeto de associado está em complementaridade com a transferência de trabalho? Como comover os jovens praticantes e interessados a fazer seu percurso nos estudos, na supervisão e na análise pessoal?



Imagem: instagram @valinbrancoesculturas

Ao participar do curso Prática Lacaniana, no período de 2020-22, o exercício de escrita proposto por esta atividade do CLIN-a colocou alguns pontos em movimento, entre os quais 1) Escrever como consequência do processo analítico com temas que orbitam a análise pessoal; 2) Articular com a teoria os desafios colocados no âmbito do Campo Freudiano, delineados nos congressos da AMP que acontecem a cada dois anos.

Há coisas que se aprende com o tempo e com o desejo. Certa vez escutei de um analista que “escrever é se defrontar com a castração”. Havia um texto, foi necessário um processo de redução para apresentar na jornada um primeiro trabalho junto aos colegas e expor as ideias na forma escrita. Depois de finalizado o texto, e com o consentimento da tutoria, o trabalho foi aceito. Na apresentação, a coordenação, a debatedora e os ouvintes permitiram comentários e perguntas. Há um efeito de satisfação nisso! Satisfação de compartilhar e discutir com os cole-

gas. Satisfação de se livrar de um tema há muito pensado e pesquisado para abrir espaço para outras questões.

Outro efeito particular - e gosto de pensar que seja também do coletivo dos associados - é que o encontro presencial, o encontro dos corpos, o estar juntos desperta aquilo que Miller, em passagem pelo Brasil em 1994, chamou de "Affectio societatis". O Afeto de associado é isso que sustenta e anima a instituição para além das burocracias necessárias para sua existência.

Uma ressonância que destaco foi a percepção do trabalho constante do CLIN-a em discutir o que é o ensino e a pesquisa dentro do Campo Freudiano. Houve uma conversação em 2019, que teve como resultado um reordenamento nas disciplinas e nos modos de investigação teórico-clínicos. Creio que, a posteriori, verificam-se os desdobramentos de uma reorganização e se lança na avaliação da conformidade ou não, das mudanças efetivadas e dos resultados esperados. Na conversação que precedeu as Jornadas 2023, Heloisa Caldas, na função de Êxtimo, contribuiu para a verificação dos principais pontos de mudança e a pertinência das reivindicações das sedes do CLIN-a no interior do estado.

Em 1976, Lacan disse que a função do Departamento de Psicanálise era "estimular a Escola, servir-lhe de agulhão"; não seria esta também a função do Instituto criado por Miller? O Instituto abriga a pergunta fundamental: o que é a psicanálise? Trata-se de uma pergunta que deve permanecer aberta, a qual conclama que cada um possa fazer sua imersão, seu percurso particular, a fim de manter viva a causa analítica na Orientação Lacaniana.

Os Sutas são um modo de transmissão da cultura oriental, que se utiliza de frases curtas e condensadas para facilitar a memorização e evitar que o ensinamento se perca na noite dos tempos. Recolhi alguns Sutas que ressoaram para mim: "o saber está em quem fala", "somos filhos do Real do trauma", "interferir no coletivo um-a-um", "o gozo do corpo que funda o laço social", o "real se impõe", "um meio de imersão na psicanálise". Estas pequenas frases, ao serem escutadas, amplificaram os questionamentos pessoais e promovem uma aderência maior às práticas institucionais de que a psicanálise se serve para ler os sintomas contemporâneos e estar à altura da subjetividade de nossa época.

**Fabiano Filardo**

#### Bibliografia:

- MILLER, J. (1997) "Affectio societatis". In: Lacan Elucidado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 551.  
POPADIUK, C., BERLITZ, R. "Dossiê: conversação sobre o ensino". In: Entrevários - Revista do Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (CLIN-a). São Paulo, n.18, nov. 2020. p.72.  
MONIER, W. A Sanskrit - English Dictionary. Etymologically and Philologically arranged. New Delhi, AES Publications Pvt. Ltda. 2003. p. 1241.

## PÍLULAS DO INSTITUTO

### Núcleo de Pesquisa Psicanálise com a criança e o adolescente - Ciranda-SP

Retomamos as reuniões do Núcleo Ciranda-SP dando continuidade à pesquisa em torno do tema “Pais exasperados – crianças terríveis”<sup>1</sup>, lançado pelo Instituto da Criança do Campo Freudiano. Nosso traço de pesquisa – a criança bricoleur – explicita as particularidades e o propósito desta investigação. Interessa-nos pesquisar a posição que a criança ocupa hoje no discurso social, considerando as mutações simbólicas e suas incidências sobre as novas configurações familiares.



Imagem:unplash.com/pt-br/@daiga\_ellaby

Em 2023, optamos pelo aprofundamento da questão da saída da era do Pai em tempos de crítica ao patriarcado, tomando caso a caso pois “há toda uma série de sintomas difíceis de classificar como neuróticos, sem poder, tampouco, qualificar como psicóticos. Esses novos sintomas definem uma clínica que enfatiza a fragilidade do pai”<sup>2</sup>.

### A clínica

S., uma menina<sup>3</sup> de 9 anos, trazida pela mãe depois de vários tratamentos malsucedidos, diagnosticada com déficit de atenção e medicada com Ritalina. Inquieta, tem ataques violentos e medos, além de uma reprovação escolar. A analista apresenta esta criança “que se encontrava reduzida a seu próprio corpo em que um gozo sem medida transborda, sustentada por uma identificação que a deixava à beira do abismo”<sup>4</sup>. A mãe diz à analista da menina que ela é “incontrolável e desleixada”, come pouco, não consegue dormir e que sempre foram muito “apegadas”. Separada do pai desta menina com quem tem uma filha mais velha, diz que ele faz diferença entre as filhas, que não se interessa por S., e as visita duas vezes ao ano. O pai se casou, tem um

1 <https://institut-enfant.fr/orientation/parents-exasperes-enfants-terribles/> (tradução livre)

2 <https://institut-enfant.fr/zappeur-jie7/parentalites-apres-le-patriarcat/> (tradução livre)

3 Kuperwajs, I. “La mala” IN: Kuperwajs, I. (compiladora). Psicoanálisis con niños 3 - Tamar lo singular. Buenos Aires: Grama Ediciones, p. 113. (tradução livre)

4 Kuperwajs, I. Idem, ibidem, p. 113. (tradução livre)

filho pequeno e mora em outra cidade. Por sua vez, essa mãe, que tem namorado, acrescenta que a filha se torna ciumenta e impaciente na presença dele, impedindo a convivência entre eles.

No início, há uma impactante presença do corpo de S. Descuidada, muito magra e desafiadora, diz que se comporta muito mal, que o seu problema é que o pai mora longe e sente falta dele. S. causa horror com estórias assustadoras, refere-se a si mesma com uma imagem em que se evidencia um estilo dark e busca inscrever no corpo algo que deixe marca. Um significante é recortado de seu discurso: “má”, de modo que “se fazer de má” dá consistência ao seu ser, entretanto, “eu sou má” vai abrir uma interrogação sobre sua causa.

A partir do trabalho de construção de uma ficção, a analista propõe que ela fale sobre o seu pai e as associações que se produzem dizem respeito a uma vertente amorosa calcada em lembranças. A produção de um pesadelo e de um ataque de pânico, sob transferência, serão cruciais para este tratamento: algo do gozo desregulado encontra uma via pelo simbólico. A analista permite uma localização do gozo sentido no corpo ao nomear o vivido como angústia para o sujeito.

Quando o corpo de S. encarna a angústia, sustentado pelo amor de transferência, é que se esclarece a posição mortificante deste sujeito que se faz dejetado do Outro. Ameaçada de “cair no precipício” do vazio de desejo, ela se defendia daquilo que se traduzia como um horror a ela, causando horror nos seus semelhantes.

A partir daí, acompanhamos os efeitos em S., que nos ensina como o que se inscreve no campo do Outro pode se tornar escrita: sua “má letra”, ilegível até então, se transforma. Passa a trazer seu diário para as sessões, inventa uma assinatura com o sobrenome paterno e dele se utiliza: “decide ser filha de seu pai”<sup>5</sup>.

Passa a vir muito arrumada às sessões, usando bijuterias e maquiagem. “Seu corpo se veste de outro semblante”<sup>6</sup>, seus sintomas cedem e S. reordena os laços sociais; cessão de gozo e separação do Outro terrível. Surge um significante novo – “linda” – que se constrói no tratamento, enlaçada ao Outro que permite a escrita de um sintoma histórico, abrindo outras possibilidades para esta menina apropriada de seu corpo.

O sintoma se coloca, então, como uma tentativa de reenlaçar o sujeito com o gozo do corpo. Neste caso, a analista aponta o pai e a menina dele se serve como um freio ao empuxo ao gozo

5 Kuperwajs, I. Idem, ibidem, p. 117. (tradução livre)

6 Kuperwajs, I. Idem, ibidem, p. 117. (tradução livre)

que sua posição ensejava. O acesso a este gozo, agora limitado, permite que o desejo advenha e ponha em marcha outro movimento, o uso da mascarada como semblante lhe dá condições de se manter no laço social mais conectado à vida e ao amor.

Em tempos de “deliquescência da ordem simbólica”<sup>7</sup>, temos uma inflexão importante para a segunda clínica com a “evaporação do pai”. Lacan formaliza o “pai em função” para sublinhar o pai como uma existência particular, abandonando o pai universal freudiano. Portanto, neste giro, o acesso à questão do pai só pode se dar pelo um a um, isto é, como “versões do pai”. Trata de fazer de uma mulher a causa da perversão paterna e a forma disto se realizar é impactar (é-pater) a sua família. Laurent nos esclarece que é preciso “produzir uma admiração (...) um efeito particular, que consiste em manter-se à distância da crença de que um pai pode ser “para todos”<sup>8</sup>. Portanto, “ele não está ali para fazer lei ou para fazer sentido, mas está ali para marcar o lugar do seu gozo como viável”<sup>9</sup>. Para tanto, será preciso manter a versão do seu próprio gozo no recalque remetendo a um desejo que pode ser decifrado, nas entrelinhas.

Estes dois pontos dizem respeito ao “lugar irreduzível do pai”<sup>10</sup> e sobre a transmissão de um desejo que não seja anônimo. E nos parece que a referência a esse irreduzível do pai é uma orientação interessante na investigação acerca do “operador da função civilizadora”<sup>11</sup> depois do patriarcado e suas consequências na clínica.

**Camille Gavioli**

**Raquel Diaz Degenszajn**

**Silvia Jacobo**

---

7 <https://www.pipol11.eu/es/argumento/> (tradução livre)

8 <https://institut-enfant.fr/zappeur-jie7/parentalites-apres-le-patriarcat/> (tradução livre)

9 <https://institut-enfant.fr/zappeur-jie7/parentalites-apres-le-patriarcat/> (tradução livre)

10 <https://www.pipol11.eu/es/2023/02/23/el-lugar-irreductible-del-padre-eric-laurent/> (tradução livre)

11 <https://www.pipol11.eu/es/2023/01/26/las-soluciones-con-el-padre-o-fuera-del-padre-neus-carbonell/> (tradução livre)

## RADAR

Por que uma exposição de fotojornalismo, em tempos em que nossos corpos já são excessivamente banhados por imagens e vídeos, infinitos, ao arrastar de um dedo?

Para a minha surpresa, encontrei um espaço bastante movimentado. Era feriado na cidade. Foi necessário apertar-me entre alguns corpos, para acompanhar alguns textos e vídeos, que se intercalavam nas sequências das fotografias.

Particularmente, meu interesse partiu justamente do tema: um “outro 11 de Setembro”, insituído pelo general Augusto Pinochet.

O que se apresentaria de distinto, de singular, a partir do olhar de um fotógrafo brasileiro, baiano, que há 50 anos registrou o início de uma ditadura recém instaurada no país vizinho? Olhar este, importante ressaltar, já marcado pelas duras heranças do AI5 no Brasil.

Evandro Teixeira foi o único a registrar o velório e o cortejo do corpo do poeta Pablo Neruda, uma das vítimas do Estado chileno. Por que as imagens parecem tão atuais?

A mais recente vivência de uma democracia em risco foi inédita para a minha geração. E a ameaça ainda é presente. Portanto, revisitar uma história de repressão, tortura e morte, aqui ou na “vizinhança”, já não se parece mais com um passado distante e impossível de se repetir.

São retratos de um olhar êxtimo, que revelam uma interpretação que ainda ressoa atemporal e, portanto, contemporânea. Uma experiência em que testemunhei uma íntima emoção e uma estranha comunhão entre corpos que transitavam e se detinham diante dos “lampejos” daquelas distintas imagens.

Fica a sugestão da visita!



Foto: Evandro Teixeira, 1973, Chile.  
Instituto Moreira Salles

### **EXPOSIÇÃO: EVANDRO TEIXEIRA. CHILE 1973**

ONDE: IMS – INSTITUTO MOREIRA SALLES - AVENIDA PAULISTA, 2424  
QUANDO: 21/03 A 30/07 (TERÇA A DOMINGO E FERIADOS – 10H ÀS 20H – FECHADO ÀS SEGUNDAS)  
QUANTO: ABERTO E GRATUITO

**Andressa Luz**

## AGENDA

### MAIO/JUNHO

#### *CURSOS*

##### **Percurso de uma análise**

Terças-feiras, das 20:30 às 22:00

1. O desejo se satisfaz?

Datas: 23/05, 06/06 e 20/06

2. O que leva alguém procurar uma análise?

Datas: 16/05, 30/05, 13/06 e 27/06

##### **Elucidação da clínica**

Quintas-feiras das 20:30 às 22:00

1. O outro sexo como enigma

Datas: 18/05, 01/06, 22/06 e 06/07

2. Mais forte do que eu

Datas: 25/05, 15/06 e 29/06

##### **Prática lacaniana**

Sextas-feiras, das 10:00 às 12:30

Datas: 26/05, 16/06 e 30/06

##### **Psicanálise e psiquiatria**

Sextas-feiras, das 13:30 às 15:00

Datas: 19/05, 02/06 e 16/06

##### **Ensino de Lacan**

Sábados, das 09:00 às 12:00

Datas: 20/05 e 17/06

##### **Seminário de Pesquisa**

Segundas-feiras, das 20:30 às 22:00

Datas: 15/05, 29/05, 12/06 e 26/06

## *NÚCLEOS DE PESQUISA*

### **Psicanálise, corpo e medicina**

Quintas-feiras das 12:00 às 13:00

Datas: 18/05, 01/06, 15/06 e 29/06

### **A prática lacaniana nos novos tempos e sua transmissão**

Segundas-feiras, das 20:30 às 22:00

Datas: 22/05, 05/06 e 19/06

### **Psicanálise com crianças e adolescentes – Ciranda/RP**

Sextas-feiras, das 19:00 às 22:00

Datas: 19/05, 02/06 e 16/06

### **Psicanálise com crianças e adolescentes – Ciranda/SP**

Quintas-feiras, das 11:30 às 13:00

Datas: 25/05, 15/06 e 29/06

### **Psicanálise e toxicomania**

Quartas-feiras, das 18:00 às 19:30

Datas: 24/05, 14/06 e 28/06

### **Psicanálise e arte**

Quintas-feiras, das 08:30 às 10:00

Datas: 25/05, 15/06 e 29/06

### **Apresentação de pacientes e psicose**

Sextas-feiras, das 14:00 às 15:30

Datas: 26/05, 09/06 e 23/06



## BIBLIOTECA

Nossa biblioteca conta com uma nova aquisição

**Entre o Gozo e o Desejo: uma leitura do Seminário A angústia**



### **Expediente:**

**Editor - Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação) - Equipe: Andressa C. Luz, Eduardo Vallejos, Fernanda Cristina Gomes de Carvalho e Francisco Durante.**  
**Conselho Editorial: Conselho Diretor do CLIN-a**